

Função e tarefa da Faculdade de Teologia da IECLB

G. Brakemeier

I.

De acôrdo com a opinião de muitos membros da nossa Igreja e mesmo de muitos dos seus pastôres cabe à Faculdade de Teologia essencialmente e exclusivamente a formação dos futuros ministros eclesiásticos. A tarefa está cumprida no momento em que o índice de aprovações no primeiro exame teológico permitir o suprimento das paróquias e os formados disporem das convicções e do cabedal de conhecimentos necessários para o exercício adequado das atividades pastorais. A Faculdade de Teologia, portanto, é atribuída a função de uma “escola”, cuja finalidade consiste em preparar e treinar os estudantes para a sua futura profissão.

Devemos perguntar, no entanto, se essa finalidade poderá justificar a existência e a manutenção dispendiosa de uma faculdade (!) e, se formação teológica realmente não passa de simples treinamento profissional, orientado unicamente nas necessidades da prática do ministério. Se assim fôsse, a preparação dos candidatos ao ministério poderia ser delegada a Escolas Bíblicas ou a Seminários de nível inferior, as exigências do estudo poderiam ser reduzidas e a escolha dos respectivos professores e educadores poderia obedecer a outros critérios. A designação “Faculdade de Teologia”, porém, engloba um determinado programa e reivindica seja oferecido ao estudante um certo tipo de formação, a saber, formação teológica em nível científico. A seguir tentamos traçar as implicações dessa concepção.

Com boas razões todo cristão, desde que êle raciocine sôbre assuntos de fé, pode ser chamado de teólogo, embora seja claro haver enormes diferenças de grau e de profundidade nas reflexões teológicas dos respectivos indivíduos. Não obstante permanece inegável que o empreendimento da teologia não constitui privilégio de um certo grupo ou de uma certa instituição na Igreja, mas é incumbência de todo aquêle que se responsabiliza pela sua fé e que não se satisfaz em reproduzir e em aceitar cegamente o que a sua Igreja lhe propõe como doutrina. Se, pois, a Faculdade de Teologia arrogasse a si a função de promotora e guardiã exclusiva da teologia, ela iria privar as comunidades da sua responsabilidade teológica e iria combater o processo de crescimento dos cristãos para a maioridade. Todavia, a Faculdade de Teologia exerce, no âmbito da Igreja, funções peculiares. Mais do que outras instituições ela se sabe devedora da teologia científica, promovendo o pensamento teológico metódicamente. Visto que ela dispõe de possibilidades

para a pesquisa científica que normalmente ultrapassam as possibilidades materiais, temporais e também intelectuais da maioria dos integrantes da Igreja, ela cumpre uma função vicária, por ordem e em benefício da Igreja toda. A Faculdade de Teologia pretende ser, por excelência, fóro de pesquisa científica e de livre discussão teológica, responsável apenas perante aquela verdade, da qual a Igreja vive. Sendo "ex officio" advogada e promotora da teologia em moldes científicos, a Faculdade exerce este seu carisma em função do Corpo de Cristo.

A partir dessas premissas podemos formular os objetivos da formação teológica como segue. Estudo na Faculdade de Teologia somente poderá ser estudo científico. Isso implica em que o estudante não é doutrinado nem simplesmente familiarizado com técnicas e métodos práticos para poder aplicá-los posteriormente nas comunidades, mas que ele é confrontado com a ciência da teologia na incumbência de uma procura autônoma pela verdade. Em diálogo com correntes teológicas antigas e modernas, com ideologias e filosofias, o estudante é induzido a achar o seu caminho próprio e a justificar com argumentos sólidos a sua fé. Quer dizer, a Faculdade de Teologia visa à formação através da pesquisa, levada a efeito pelo esforço conjugado de docentes e estudantes. No estudo acadêmico a formação está vinculada à pesquisa. Esta é o meio de formação e determina, até certo ponto, o método da mesma, concedendo ao estudante um máximo de liberdade, tanto no que se refere à escolha da temática a ser tratada, como também no que se refere à exteriorização de convicções e à defesa de teses, com a única restrição de que essas deverão ser aprovadas por meio de uma argumentação condizente com os métodos de trabalho científico.

Conseqüentemente o objetivo da formação teológica não poderá consistir, desde já, na criação de "funcionários" para a Igreja, pois o estudo da teologia deve abstrair, por algum tempo, da futura prática profissional dos formandos para dar-lhes a liberdade de uma busca engajada da verdade, sem compromissos prematuros e sem qualquer pressão que eventualmente resulte de uma tutela doutrinária inconveniente. Não é necessário que a decisão de estudar teologia coincida de antemão com a decisão de servir posteriormente como ministro na Igreja. Embora seja natural o estudante matricular-se na Faculdade de Teologia com certas ambições profissionais, ele deverá ter a liberdade de reexaminar a sua decisão durante o estudo ou mesmo após a conclusão do curso. Esperamos que o estudo da teologia desperte a alegria de cooperar na difusão do evangelho, mas qualquer tipo de manipulação por parte de terceiros viola os direitos do indivíduo.

Com essas teses, possivelmente, nos expusemos ao perigo de sermos mal entendidos. De forma alguma afirmamos que trabalho teológico seja legítimo ao lado da Igreja ou independentemente dela. A Faculdade de Teologia não é autosuficiente e ela não determina arbitrariamente a temática que forma o objeto dos seus estudos. Pelo contrário, teologia científica, preocupada em evitar o

perigo de se tornar estéril, necessita das experiências da Igreja, ela necessita da comunidade como base, recebendo dela os impulsos para um trabalho proveitoso e frutífero. O assunto central de toda teologia cristã é o evangelho, mas a prática fornece à teologia as perspectivas, sob as quais êste evangelho será interrogado e analisado. Teologia cristã sempre tem dimensões práticas, ela tem implicações com a realidade em que vivemos, de modo que podemos dizer: A sua tarefa consiste na confrontação da nossa realidade com o evangelho e do evangelho com essa realidade. Uma teologia que não é atual nesse sentido, ignora um lado importante daquilo que é e dificilmente estará a serviço da "viva vox evangelii". Por outro lado, porém, cabe-nos enfatizar que teologia não é simplesmente o conjunto de teorias sobre como aplicar verdades evangélicas imutáveis. Atualidade e aplicabilidade da teologia são duas coisas distintas. Por essa razão devem ser distinguidos igualmente estudo da teologia e treinamento profissional. Não contestamos a necessidade de um bom preparo profissional dos estudantes, sendo que a pergunta, como coordená-lo com o estudo científico no currículo da Faculdade, constitui um problema especial. Defendemos, entretanto, contra o perigo de substituir uma coisa pela outra. Entendemos ser ilícito considerar a teologia preferencialmente sob o aspecto da sua aplicabilidade, porque importa saber antes o que deve ser "aplicado". Justamente as Igrejas com a tradição da Reforma do século XVI não poderão dispensar-se de um contínuo esforço pelo quê da pregação, isto é, pelo evangelho e por uma compreensão correta do mesmo nos dias atuais.

Essas considerações nos permitem dizer agora positivamente em que reside o objetivo da formação teológica. Ela quer levar o estudante a um trabalho teológico autônomo, ela quer desenvolver o juízo teológico, dando ao estudante a chance de achar critérios que o capacitam a proceder ao carisma do "discernimento dos espíritos", postulado pelo apóstolo Paulo (1.ª Cor. 12). Por isso formação teológica não poderá limitar-se à transmissão e à aquisição de conhecimentos, nem a uma introdução em questões teológicas possivelmente superadas ou numa dogmática qualquer. O teólogo deverá ser capaz de decidir problemas teológicos, com os quais êle se vê defrontado na multiforme realidade da vida diária, em responsabilidade própria perante o evangelho, êle deverá ser capaz de dizer o mesmo evangelho de todos os tempos de maneira nova e válida nos dias atuais e êle deverá ser habilitado para o diálogo crítico com o mundo. Formação teológica representa um processo de emancipação, no decorrer do qual ocorre a libertação gradativa de autoridades intermediárias, tornando-se normativa apenas aquela verdade que, segundo o evangelho de João, é Deus na sua revelação em Cristo.

A Faculdade de Teologia seria arrogante, se ela perseguisse a meta de produzir teólogos prontos. Isso não é possível por dois motivos. Em primeiro lugar consta que um estudo de nove a onze semestres não basta para alcançar o alvo pleno da formação teológica. Esta não poderá limitar-se ao período da adolescência huma-

na, mas deverá perdurar, de certa forma, a vida tôda. Assim como o homem jamais deixa de aprender e de colher experiências, assim também não existem os definitivamente formados em matéria de teologia. Como tôda formao, assim também a formao teológica permanece, em última análise, inacabada, necessitando de constante complementao e aperfeiçoamento. Mas também um outro motivo impede que a Faculdade seja, no que diz respeito aos resultados dos seus trabalhos, demais pretensiosa: Formao de homens  um processo com caracteres muito individuais. Por isso a Faculdade pode oferecer as chances para a formao, ela pode motivar, incentivar e de certo modo também orientar a formao dos estudantes, mas ela deve abster-se de todo dirigismo e de tôda interferência autoritária na mesma.  claro que isso, para o formando, não significa permissão para arbitrariedades ou para abusos da liberdade oferecida, e, não obstante, devemos estar cientes de que formao teológica será autêntica apenas, se puder processar-se num clima de liberdade e se concedermos a cada indivíduo a possibilidade de procurar e de trilhar o seu caminho insubstituível. Lgicamente a Faculdade não pretende proporcionar nada mais do que uma iniciao no trabalho e pensamento teológico científico, alentando para que seja dado o primeiro passo na senda da auto-formao que não cessa com a prestao do exame final.

Para a Igreja e para a própria Faculdade uma tal formao acarreta riscos e perigos, pois trará consigo um pluralismo de concepes, por vêzes contrárias uma  outra. Ela significa que a Igreja desiste de exercer contrle rígido ou fiscalizao direta do trabalho pesquisador da Faculdade, firme na confiança de que a fôrça da verdade e do Espírito Santo seja suficiente para se impor. Não obstante, a Igreja arrisca eventuais fracassos e decepes. Além disso, professôres e dirigentes da Igreja deverão expor-se às críticas que provm do círculo dos estudantes, e, o próprio convívio dos estudantes estará sujeito a tensões que podem ser suportadas ou superadas unicamente pelo espírito da compreensão e da tolerância mútua. O instrumento capaz de garantir o êxito e de aperfeiçoar a formao , em tal ambiente, o diálogo sincero que não smente pressupõe conhecimento de causa e habilidade de argumentao, mas, talvez em escala ainda maior, qualidades humanas. Formao teológica científica  comprada pelo preço desses riscos, riscos als, que, como a experiência demonstra, geralmente não são tão grandes como muitos temem e opinam.

Se tivermos delineado corretamente funo e tarefa, encerradas na própria designao da Faculdade de Teologia, a razão de ser da mesma depende da resposta a duas perguntas de caráter decisivo:

- 1) A Igreja necessita realmente da teologia científica?
- 2) Será necessário que a totalidade dos pastôres a serem formados gozem de uma formao teológica científica?

II.

Teologia  o esforço racional pela compreensão adequada da revelao de Deus em Cristo. Embora saibamos que o homem não pode crer por própria razão ou fôrça em Deus nem chegar a Ele

(M. Lutero na explicação do terceiro artigo), é exigida d'ele não somente a fé, mas sim também o conhecimento. Fé verdadeira jamais é cega. Destarte ela não pode ser atitude de uma mera parte do cristão, qual seja o seu coração, mas é uma forma de existir, abrangendo tôdas as faculdades que o homem possui. Resulta daí a necessidade de o homem conscientizar-se da sua fé, de justificá-la e de distinguir doutrina falsa e pura. Por isso, teologia é sempre trabalho crítico, consistindo numa avaliação e num exame criterioso da tradição da Igreja, de sua doutrina atual e do seu agir. De um modo geral podemos dizer que tôda e qualquer forma de testemunho humano a respeito da revelação perfaz objeto do estudo crítico da teologia, sendo por êsse motivo inserida nos objetos da análise crítica a própria Bíblia. Teologia é o constante exame do conteúdo e das bases da fé cristã.

Dêsse exame científico e crítico a Igreja não pode prescindir por várias razões:

1) Uma Igreja que julga supérfluo o trabalho teológico crítico, por vêzes penoso e incômodo, será prêsa fácil de heresias, ideologias ou até da superstição. A comunidade de Cristo vive no mundo sujeita a tentações, ao perigo sempre iminente de aberrações e participa de tôda sorte de fraquezas humanas. Ela somente poderá defender-se contra vozes ou correntes deturpadoras do evangelho, sejam elas oriundas do seu próprio ambiente ou não, se ela estiver em constante estado de alerta, examinando conscienciosamente tanto o seu próprio falar e agir como também as influências ideológicas, doutrinárias e políticas, às quais ela se vê exposta. Trabalho teológico exerce função de vigia e ao mesmo tempo uma função profética, conscientizando a Igreja de ameaças.

2) Uma Igreja que não permite trabalho teológico crítico não pode livrar-se da suspeita de ter domesticado o evangelho. A palavra de Deus, porém, é livre, ela critica inclusive a própria Igreja, promovendo nela sempre novas reformas. Não sendo dona do evangelho, a Igreja não pode esperar que seja constantemente confirmada em sua apresentação atual. Onde crítica teológica fôr proibida, temos uma Igreja que perdeu a capacidade de obedecer a seu Senhor, de ser renovada e de ser viva. Também o medo de heresias não justifica que a Igreja cerre as portas ao trabalho teológico crítico, pois tal procedimento não só impede a identificação clara de uma eventual doutrina herética, não só impossibilita uma verdadeira superação da mesma, mas também fomenta um tradicionalismo perigosíssimo que se recolhe ao baluarte supostamente seguro das verdades de ontem, acorrentando o Espírito Santo à tradição e extinguindo, dessa forma, o dinamismo e a vida da palavra de Deus. Trabalho teológico crítico tem a função de fazer valer a liberdade da palavra de Deus contra tôdas as tendências de domesticação do evangelho na Igreja.

3) Uma Igreja que não dá margem ao trabalho teológico, demonstra não estar interessada sinceramente na verdade. Ela esquece ou ignora que a revelação de Deus não consiste numa soma

de sentenças com caráter de verdades perpétuas, mas num evento que teve lugar num determinado momento histórico e num determinado país do nosso globo. Deus se revelou naquele homem, Jesus de Nazaré, num israelita que viveu nos primeiros decênios da nossa era, na Palestina, ora dominada pelos romanos. O evangelho é a notícia dêste evento, uma notícia aliás que se reveste da forma de testemunho humano. Esse testemunho representa uma tentativa de compreender a revelação de Deus e de expressar o seu significado não somente para a pessoa da testemunha, mas também para o mundo, isto é, para a totalidade dos povos e das nações que vivem em época e ambiente específicos. Nenhuma geração pode desfazer-se desta incumbência: Expressar em testemunho próprio o significado do evento de Cristo para o mundo em que vivemos e que para cada geração se apresenta de forma diferente. Em outras palavras podemos dizer que o tesouro do evangelho nos é acessível apenas em vasos de barro (2.^a Cor. 4), isto é, em forma de palavra humana. Por isso temos o dever de perguntar sempre de nôvo pelo conteúdo dêsses vasos para dar-lhe nova forma. Também essa nova forma certamente não passará de testemunho humano, mas conterá o evangelho para os dias de hoje.

Se a Igreja se esquivasse dêsse serviço de um questionamento sempre nôvo do evangelho na intenção de descobrir-lhe a verdade, se ela não procurasse um modo de dizer o evangelho de maneira compreensível no tempo atual, a sua proclamação tornar-se-ia estéril, morta e sem vigor. Ela iria transformar a verdade numa múmia e seria acusada pelo seu Senhor de ter enterrado o talento a ela confiado em vez de trabalhar com êle. Trabalho teológico crítico é o esforço pela sempre nova redescoberta do evangelho e pela libertação do evangelho das incessantes tentativas do homem de prendê-lo nos seus conceitos, seus dogmas e suas tradições.

A teologia tem, portanto, um caráter duplo: Ela é por um lado uma função da própria Igreja. Isso significa que a Igreja é a promotora da teologia; ela necessita dela e é por ela beneficiada. Igreja viva terá um interesse vital na teologia, porque dela não pode prescindir sem graves prejuízos e danos para a sua própria existência. Por outro lado teologia científica, desde que ela seja levada a efeito com sinceridade e em espírito de radical responsabilidade perante o evangelho, será um elemento de constante inquietação, de crítica, de revisão de posições e até de tensões na Igreja. Mas também essa função da teologia não deixa de ser positiva, embora ela inclua a possibilidade de destruição da uniformidade. No entanto, unidade da Igreja jamais é idêntica com uniformidade, antes com solidariedade, que suporta elementos de índole diversa no mesmo corpo que é Cristo. Teologia é uma promoção eclesiástica e científica ao mesmo tempo. Que ela seja eclesiástica diz que teologia cristã legítima nasce no seio da própria Igreja e que ela é promovida pela mesma. Que ela seja científica diz que ela se sabe responsável unicamente perante a verdade, fugindo dessa forma à domesticação e ao controle arbitrário da Igreja. Também através da teologia Deus rege a sua Igreja.

III.

A pergunta, se todos os pastôres deverão gozar de uma instrução acadêmica, continua persistindo, não obstante ser a teologia científica matéria indispensável para uma Igreja viva, como acabamos de ressaltar. Freqüentemente são apontados os seguintes argumentos contra uma formação acadêmica geral dos pastôres:

1) O estudo científico na Faculdade de Teologia ultrapassa as capacidades intelectuais de muitos jovens, aos quais, pôsto que dedicados e empenhados na causa do evangelho, lamentavelmente é vedado o ingresso no pastorado.

2) O estudo científico conduz, não raro, a um "academicismo" nocivo, sendo que os estudantes, por causa da sua formação teológica superior, perdem as condições de se comunicarem com pessoas simples nas comunidades. O estudo científico produz, assim se alega, um tipo de prédica, acessível à camada dos intelectuais, mas completamente estranho às camadas humildes. Além disso, formação acadêmica cria possivelmente uma certa consciência de classe nos estudantes, despertando desejos por um certo padrão de vida, etc. Em suma, formação acadêmica dificulta ou até rompe o contato com as classes humildes, impedindo um verdadeiro agir missionário da Igreja.

3) Um terceiro argumento questiona o próprio proveito da teologia científica para o trabalho comunitário. Certamente não podemos partir da hipótese que nas comunidades reina o mesmo espírito crítico como na Faculdade e que elas estão interessadas em todos os problemas e assuntos, ventilados no decorrer de um estudo teológico acadêmico. É levantada a pergunta fundamental, se atingimos com a nossa teologia o ouvinte das nossas prédicas e os que já não mais as querem ouvir. Estaremos tratando na Faculdade de algo que talvez para a Igreja seja de importância, mas que as comunidades individualmente não aceitam nem exigem?

Apesar de serem de pêso diverso, os argumentos citados obviamente indicam perigos ou desvantagens de um estudo rigidamente acadêmico. Uma certa justificação, portanto, não lhes podemos negar. Por outro lado, porém, será necessário levar ao conhecimento também as considerações que proíbem uma condenação precipitada do sistema atual da formação dos pastôres. As dúvidas, manifestadas com relação ao estudo na Faculdade, não deveriam conduzir a falsas alternativas, contrapondo-se ao estudo científico uma formação acentuadamente profissional. Dessa forma os problemas não são resolvidos. Fortes argumentos fazem com que continuemos optando a favor de um aprofundado estudo científico de todos (!) os futuros pastôres, reconhecendo, aliás, também a necessidade de uma intensificação do preparo prático dos candidatos ao ministério. Esses argumentos formarão o tema das nossas considerações finais.

Na medida em que aumenta a instrução geral da população do nosso país, aumenta também a responsabilidade intelectual e espi-

ritual dos pastores. Numa sociedade exigente a falta de formação teológica conduzirá a frustrações do pastor que se vê insuficientemente preparado para o diálogo com pessoas céticas e críticas. Qualidades humanas nem sempre poderão compensar o "deficit" de instrução e qualificação intelectual. Concomitantemente não admitimos que um elevado grau de instrução seja barreira intransponível para a comunicação com o povo humilde, visto que o teólogo não tem o dever de suscitar problemas inexistentes e de complicar desnecessariamente a proclamação cristã, mas de reagir a problemas existentes e de orientar cuidadosamente aqueles aos quais ele serve. Não é a formação científica em si que constitui o perigo, mas uma soberbia intelectual, que, porém, deveria ser proibida ao teólogo já pela causa, na qual ele se engaja. Em prol dos interesses dos próprios ministros, portanto, será necessário insistir numa formação de alto nível.

Em conexão com essas ponderações será necessário enfatizar que, quem não cultiva a teologia e quem não procura instruir-se permanentemente, incorre no perigo de um esgotamento espiritual e de derramar, por isso, domingo após domingo as velhas ladainhas sobre a infeliz comunidade, transformando dessa forma a boa nova em algo cansativamente enfadonho. Também em prol de uma proclamação viva, atualizada e correta será necessário insistir num máximo de formação científica. A teologia nos forja as armas, tanto para defender a fé contra os violentos ataques, dos quais hoje é vítima, como também para agredir um mundo acomodado ou revoltoso contra o seu Criador. Quem não estiver disposto ou capaz de se revestir dessas armas, naturalmente continua sendo cristão, mas ele não deveria ambicionar o pastorado, no qual é indispensável lutar.

Essa luta se manifesta hoje em dia, entre outras coisas, num esforço por remodelação e reestruturação das atividades pastorais em suas formas herdadas. Será necessário precaver-se contra o malôgro desses esforços, resultando do diletantismo e da falta de penetração e de fundamentação teológica. A elaboração de novos modelos e novos padrões exige não somente experiências práticas, mas também alto grau de reflexão teológica — uma tarefa que não poderá ser realizada por um grupo de pioneiros especializados, mas pelo empenho coletivo de todos os que batalham nas frentes das comunidades. Não podemos entregar-nos ao luxo de enfrentarmos o dia de amanhã, trazendo-nos incisivas transformações no modo de trabalhar, com uma legião de pastores incapazes de dominar a situação com a ajuda das suas habilidades teológicas. Já temos salientado que formação teológica tem a finalidade de incrementar a responsabilidade própria e de desenvolver o pensamento teológico produtivo, qualidades, portanto, que no processo da evolução vindoura, perfazem requisito indispensável dos que têm o papel de liderar. As exigências do pastorado de amanhã não permitem que negligenciemos a formação teológica dos seus futuros titulares.

Enfim, a própria natureza da formação teológica faz com que continuemos adeptos do sistema de um estudo científico. Um sim-

ples treinamento profissional, relegando a procura pela verdade ao segundo plano ou restringindo-a ao mínimo, não condiz nem com as metas da educação teológica, nem com a autonomia do indivíduo. Firmeza de fé não poderá ser alcançada através de uma fuga dos problemas e das perguntas, mas unicamente através de uma confrontação corajosa com os mesmos, que, uma vez suportada, imuniza tanto contra um falso fanatismo como também contra uma labilidade, cedendo ao mais leve soprar do vento do ceticismo. Firmeza de fé deve ser conquistada pela oração e pela procura engajada da verdade, para a qual não existem tabus, criados por convenção humana.

A nossa apologia do estudo científico naturalmente não significa legitimação acrítica e incondicional do atual currículo da Faculdade. Este, sem dúvida, deverá ser sujeito a sempre novos exames e revisões, conforme as circunstâncias o exigirem. Em especial deveria ser estudado o problema de como coordenar adequadamente formação científica e treinamento profissional. Da mesma forma a integração da análise do nosso mundo ambiental e da pesquisa especificamente teológica constitui assunto de especial importância. Não é possível discutir essa problemática de momento. Certamente uma condição básica para a solução desses problemas será cumprida, se fôrmos unânimes em afirmar que o estudo da teologia na Faculdade deverá ter resguardado o seu caráter científico. As modalidades desse estudo poderão formar objeto de atenção especial em outra oportunidade.

Teologia não é matéria sêca nem morta. Ela leva ao cerne da nossa existência, exigindo de nós não só o esforço intelectual, mas também a nossa participação engajada e a nossa dedicação integral. Embora haja várias barreiras a vencer no currículo da Faculdade, embora o trabalho e a pesquisa sejam árduos e muitas vezes não levem a resultados imediatos, exigindo por isso paciência, ela é capaz de nos empolgar e de promover em nós uma libertação singular, sem a qual o exercício da nossa missão sublime sofreria graves danos.

LITERATURA PARA O LEITOR INTERESSADO:

- L. WEINGARTNER: O objetivo da educação teológica, Estudos Teológicos, Nova Sequência Ano 5, 1965, p. 161ss
- H. ALPERS: Freude an der Theologie, Fôlha Dominical, Ano 85, n.º 45, p. 3ss
- H. DIEM: Theologie als kirchliche Wissenschaft, München 1951
- J. C. MARASCHIN: Novas estruturas para a educação teológica. Revista Teológica da ASTE, Simpósio n.º 5, São Paulo, 1970, p. 3ss
- R. A. ALVES: Educação teológica para a liberdade, ibidem, p. 10ss
- R. D. WINTER: Educação teológica por extensão, ibidem, p. 21ss.